

Dicionário de Termos Técnicos e Gírias de Teatro:

A

ABRAÇADEIRA: Peça de metal em vários modelos para fixação ou conexão de elementos e peças. Utilizados na amarração de varas e outros equipamentos cenográficos.

ACÚSTICA: A qualidade da sala de espetáculos no que diz respeito à transmissão do som.

ADERECISTA: Profissional que executa as peças decorativas e/ou os adereços cênicos do espetáculo. Faz escultura, entalhe, molde em gesso, bonecos etc.

ADEREÇOS: Acessórios cênicos de indumentária (figurino) ou decoração de cenários. Objetos de cena.

AFINAR LUZES: Depois do cenário estar devidamente posicionado e dispostos os projetores, afinam-se, ligando-os e dando-lhes o ângulo e regulando a abertura (dos feixes luminosos) adequados à iluminação pretendida. Esta tarefa é executada por iluminadores, que dirigem os projetores segundo as indicações dos que estão em cena.

AGON: Na dramaturgia grega clássica, o Agon ou Ágon refere-se à convenção formal de acordo com a qual o combate verbal dos personagens deve ser organizado. Daí *proto agonistes*, protagonista, ou o primeiro a falar; *deutero agonistes*, o segundo a falar; *trito agonistes*, o terceiro a falar, e assim sucessivamente

ALÇAPÃO: Abertura do chão do palco, dissimulada aos olhos dos espectadores, para encenar efeitos de aparição e desaparecimento de atores ou objetos cênicos.

ANTAGONISTA: É o opositor, o protagonista às avessas. Muitas vezes, o antagonista é uma só personagem. Outras, podem ser manifestadas por um grupo de personagens de um certo grupo.

ANTITEATRO: Termo geral que designa uma dramaturgia e um estilo de jogo dramático que nega todos os princípios da ilusão teatral. O termo aparece nos anos cinquenta, nos começos do teatro do absurdo.

ANTONOMASIA: Figura de estilo que substitui o nome de um personagem por uma perífrase ou por um nome comum que o caracteriza. (*O homem da coragem ao vento - Dom Quixote*)

APARTE: Falas destinadas apenas ao público e não são ouvidas pelas outras personagens.

APOIO CULTURAL: É uma ajuda de custo, como cessão de automóvel para transporte de cenário ou equipe técnica, lanche, hospedagem, etc.

ARARA: Uma estrutura feita em madeira ou metal, onde se colocam os cabides com os figurinos do espetáculo. Normalmente ficam nos camarins ou nas coxias do palco. Geralmente é feita com dois pés laterais ligados no alto por um cano ou madeira arredondada.

ARENA: Área central de forma circular, onde acontecem espetáculos teatrais. Palco de teatro grego. Área central coberta de areia, nos antigos circos romanos. Arena (picadeiro): o espaço central do circo onde se exibem os artistas da companhia.

ARQUÉTIPO: Personagem que se assume como modelo mítico do imaginário de um povo que está acima de um modelo real.

ARQUIBANCADA: Estrutura onde são fixados assentos simples ou bancos para o público. Geralmente utilizadas em espaços alternativos e salas multiuso.

ARQUIBANCADA RETRÁTIL: Estrutura telescópica com assentos e encostos dobráveis, que pode ser recolhida até atingir a profundidade de uma fileira. Utilizada para organizar as tipologias cênicas de uma sala multiuso ou teatro black-box.

ARQUITETURA CÊNICA: Estruturação e organização espacial interna do edifício teatral, relacionando diversas áreas como cenotécnica, iluminação cênica e relação palco-platéia. É toda arquitetura que se relaciona mais diretamente com o espetáculo.

ATO: Divisão externa da peça teatral. Subdivisão de uma peça. Da mesma maneira que um livro pode ser dividido em capítulos, uma peça pode ser dividida em atos. Trata-se de uma convenção cuja principal característica é a interrupção do espetáculo.

ATOR OU ATRIZ: É aquele que cria, interpreta e representa uma ação dramática com base em um texto emprestando plenitude física e espiritual com o uso de sua voz, corpo e emoções ao simples texto concebido pelo dramaturgo com o objetivo de transmitir ao espectador as ações dramáticas propostas.

ATUAÇÃO: É a denominação dada à arte do ator, e outros artistas das artes cênicas. Consiste em imprimir, por meio de diversas técnicas, ou mesmo da pura intuição, vida e realidade a uma personagem.

B

BALCÕES: Níveis de assento para o público localizados acima da platéia. Geralmente são dispostos no fundo da sala. Podem avançar pelas paredes laterais até a boca de cena, arranjo que é muito encontrado em teatros do tipo ferradura.

BAMBOLINA: Pano estreito que tapa o teto do palco, ocultando os refletores.

BASTIDOR/COXIA: Espaços de serviço e circulação não visíveis ao público, localizados nos extremos laterais e de fundo do palco, determinando o movimento de cenografia e acesso de atores. As laterais com uma dimensão mínima da metade do palco e o fundo com espaço suficiente para passagem de atores.

Armação de cenário, feita de madeira e pano, por vezes representando um detalhe do ambiente, e que se coloca nas partes laterais do palco para estabelecer, em conjugação com as bambolinas, a âmbito que se quer dar ao espaço cênico.

BILHETERIA: Lugar do teatro onde se vendem, trocam ou reservam ingressos para os espectadores.

BILHETEIRO: É a pessoa encarregada de vender os ingressos principalmente na bilheteria do local de apresentação e realizar o fechamento do borderô.

BIOMBO: Conjunto de dois ou mais painéis/tapadeiras montados em ângulo, autoportantes.

BORDERÔ: Do francês "bordereaux". É o balancete de bilheteria, contendo número de ingressos vendidos, a que preços, convites, etc., em cada apresentação.

BURACO: O termo mais comum para definir o espaço vazio que se forma na cena quando o(s) ator(es) esquecem ou erram o texto e nada improvisam para preencher. Também forma-se um buraco (ou lacuna) na cena que tem ritmo muito mais lento do que o necessário, como por exemplo, nos diálogos em que os atores esperam muito tempo para dizer suas falas.

BURLESCO: Forma de cômico exagerada que emprega expressões triviais para falar de realidades nobres ou elevadas.

A epopéia burlesca aparece em França no século XVIII. No século XX, o burlesco encontra a sua perfeita expressão em certos filmes cômicos (ex: Charlie Chaplin).

C

CACO: Fala improvisada para consertar algum erro ou substituir algum elemento ausente, seja no texto ou na cena. Caco também é a fala inexistente no texto da peça mas que o ator introduz no desenrolar cena. O excesso de cacos é um dos causadores da poluição cênica e pode ser sinal de falta de domínio do texto por parte do ator. Um caco que passa a repetir-se em cada apresentação não mais como improviso deixa de ser um caco para ser uma alteração planejada, configurando assim uma adaptação do texto ou licença poética.

CAIXA MÁGICA: Termo usado principalmente ao palco italiano. Imaginando que o quadrado formado pelo fundo da cena, as laterais, o piso, o teto e a quarta parede formem uma caixa, diz-se que esta caixa é mágica, pois nela pode-se trazer à existência qualquer coisa que se imagine pela força da arte.

CAMAREIRA: Encarrega-se da conservação das peças de vestuário utilizadas no espetáculo, limpando-as, providenciando a sua lavagem. Auxilia os atores e figurantes a vestirem as indumentárias cênicas, organiza o guarda-roupa e embalagem dos figurinos em caso de viagem.

CAMARIM: Sala ou local onde os atores trocam de roupa e se aprontam para entrar em cena.

CAMAROTE: Na arquitetura teatral, pequeno compartimento em torno da platéia, onde grupos de pessoas ficam separados das demais por grades ou muretas. Trata-se de um local originalmente destinado aos nobres.

CANHÃO SEGUIDOR: Refletor de grande potência com movimento manual utilizado para acompanhar atores, bailarinos etc.

CARICATURA: Personagem plana marcada por uma idéia que levada ao extremo, funciona como uma distorção proposta: tal a serviço da sátira, da crítica ou do cômico.

CATARSE (CATHARSIS): Efeito psicológico benéfico sobre o espectador como resultado de sua identificação com os personagens nas situações de conflito e sua solução, na representação dramática.

CENA: Qualquer marcação ou diálogo dos atores. Cada uma das unidades de ação duma peça, cuja divisão se faz segundo as entradas ou saídas dos atores: cena francesa. Consiste sempre basicamente de: início, meio e fim. Divisão do ato da peça teatral, momento de uma peça. É um conjunto de ações em torno de um tema.

CENOGRAFIA: É a arte, técnica e ciência de projetar e executar a instalação de cenários para espetáculos.

Conjunto de elementos organizados no espaço cênico (palco), representando o lugar, ou lugares, onde acontecem as ações dramáticas interpretadas pelo ator que representa uma peça.

CENÓGRAFO: Aquele que faz cenários, idealiza o espaço cênico. Cria, desenha, acompanha e orienta a montagem do projeto cenográfico.

CENOTÉCNICO: Aquele que domina a técnica de executar e fazer funcionar cenários e demais dispositivos cênicos para espetáculos teatrais.

CICLORAMA: Cortina esticada, semelhante a uma tela, que se estende pelo fundo do palco com armação em forma de "U" aberto e que é colocada ao fundo do palco. Pode ser nas cores branco, pérola, cinza ou azul claro.

CLÍMAX: O conflito dramático evolui gradualmente no decorrer da peça. Primeiro se esboça, vai acentuando-se, até chegar ao apogeu.

COADJUVANTE: Personagem secundária que está ao lado do protagonista ou do antagonista e que, como eles, pode estar individualizada ou não. O coadjuvante (ou adjuvante) pode também ser figurado por meio de um elemento não humano: uma máquina, uma fada, um animal, etc.

COLAGEM CÊNICA: Agrupamento contínuo de cenas de espetáculos diferentes que se correlacionam por algum motivo. O mais comum é a colagem de textos do mesmo autor, sem necessariamente tratarem do mesmo assunto, mas há colagens de cenas que se ligam pelo assunto, pelo gênero etc. Uma colagem não é um agrupamento de

performances ou esquetes, pois sua maior característica são os pedaços de espetáculos, ou seja, cenas isoladas.

CONFLITO DRAMÁTICO: É a marca da ação e das forças opostas do drama: amor/ódio, opressor/oprimido, etc.

CONTRA-REGRA: Elemento encarregado de cuidar dos cenários e objetos de cena, indicar as entradas e saídas dos atores, dirigir as movimentações dos maquinismos cênicos, distribuir horários e informes.

CORTINA CORTA FOGO: Cortina de metal que separa a caixa cênica da platéia em caso de incêndio.

CORTINA DE BOCA: Cortina de boca de cena que caracteristicamente se movimenta nos sentidos laterais, fechando ou abrindo nas mudanças de atos, encerramentos ou aberturas das sessões.

D

DAR BRANCO: Quando alguém esquece suas falas.

DEIXA: A fala (ou outra marca) depois da qual um ator entra ou tem de proferir a sua fala.

DESENHO DE SOM EM TEATRO: É o processo técnico e criativo da utilização de um sistema de sonorização, que permita o controlo sobre diferentes parâmetros electroacústicos de qualquer fonte sonora, acústica ou gravada, para a exploração do envolvimento sonoro de um espectáculo, criando diferentes planos e perspectivas de difusão de som num auditório ou ao ar livre, criando imagens sonoras através de um som “vivo” e não intrusivo, mantendo a teatralidade do espectáculo.

DESENHO DE LUZ OU MAPA DE ILUMINAÇÃO: É uma planta que mostra a disposição de todos os projetores, a sua orientação e a zona que iluminam na cena. Devem ser numerados tendo em vista a sua correspondência nos canais da mesa de luz. No diagrama, os diversos tipos de projetores podem ser indicados por símbolos que os identificam.

DESEJAR "MERDA": Expressão de origem francesa (Mérde) considerada como um mantra ou espécie de ritual usado pelos atores antes de suas apresentações, tem o mesmo significado de boa sorte. Advertido que, nunca se deve agradecer quando alguém lhe desejar “merda”, deve-se responder apenas “merda” ou ficar calado.

E ainda... Antigamente, as pessoas utilizavam carruagens como transporte, e quanto mais carruagens, mais dejetos dos cavalos eram deixados pelas ruas. Logo, as pessoas entravam nos teatro com os sapatos sujos, fazendo a quantidade de “merda” deixada nos capachos, um sinónimo de casa cheia.

DEUS EX MACHINA: Do latim, significa literalmente "Deus surgido da máquina".

Originado no teatro grego, refere-se a uma inesperada, artificial ou improvável personagem, artefato ou evento introduzido repentinamente em um trabalho de ficção

ou drama para resolver uma situação ou desemaranhar uma trama. No teatro grego, muitas peças terminavam com um deus sendo literalmente baixado por um guindaste até o local da encenação.

DIDASCÁLIA (ou RUBRICAS): Anotações feitas pelo autor do texto que determinam ações e intenções (choramingando, sonolento, com raiva etc.), a movimentação em cena, até mesmo detalhes do cenário (como localização de uma porta ou posição de uma cadeira), iluminação, sonoplastia e tudo mais. O excesso de rubricas num texto prejudica a liberdade criativa do diretor e muitas vezes torna um texto hermético, sem possibilidade de ser encenado sob diferentes ângulos a menos que seja adaptado.

DIMMERS: É um graduador da intensidade da luz que vem substituindo o antigo reostato de resistência. Permite que a luz de uma cena vá aumentando gradualmente, ou, pelo contrário, diminuindo até ao escuro. Esta regulação é feita a partir da mesa de luz, à qual os dimmer's estão ligados. Equipamento chave do sistema de iluminação cênica que possibilita o controle da intensidade de funcionamento dos refletores e seu acender e apagar, através da ligação de uma mesa de comando de iluminação cênica.

DIRETOR: Concebe o projeto do espetáculo, elabora e coordena a encenação, a partir de uma idéia ou texto utilizando-se de técnicas para obter os melhores resultados da comunicação com o público, decide sobre quaisquer alterações no espetáculo, ao qual presta assistência enquanto estiver em cartaz.

DITIRAMBO: Na antiguidade era o canto lírico para glorificar Dionísio. Evoluiu até chegar à tragédia.

DRAMATURGIA: É a composição do drama e sua apresentação no palco.

DRT (DELEGACIA REGIONAL DO TRABALHO): É um Atestado de Capacitação Profissional, um registro profissional.

E

ENGOLIR UM ATOR EM CENA: Diz-se que um ator engoliu o outro em cena quando se destaca mais ao ponto de tornar-se mais marcante. Um ator mais experiente que interpreta um papel secundário tende a engolir os outros sem querer, mesmo que estejam em papéis principais, simplesmente por sua presença de palco mais firme e forte. Há quem use o termo "engolir" para um cenário exageradamente elaborado que diminui a presença do ator.

ENTREATO: Lapso de tempo entre os atos durante o qual o jogo é interrompido e o público deixa provisoriamente a sala de espetáculo. O entreato, embora tenha funções técnicas, também destinava à função social, como no renascimento, onde os espectadores se encontram e conversam. Daí veio o ritual do foyer na Ópera.

ÉPICO: Fábula tirada da vida dos homens engrandecida e tratada forma impossível para o espectador se identificar com o herói ou com a situação.

EPÍLOGO: Fala final, escrita para um ou mais atores, e freqüentemente destinada a explicar as intenções do autor e/ ou o resultado final da ação dramática. O último ato ou cena de uma peça.

ESPAÇO CÊNICO: Espaço onde se dá a cena. Em teatros tradicionais coincide com o palco; em espaços alternativos pode chegar a abranger toda a sala.

EVOÉ: Grito de evocação em honra ao deus Dionísio (Baco).

ÊXODO: Canto coral de saída (nas tragédias gregas).

F

FANTOCHE: Boneco, geralmente feito de tecido e papier-mache, em cujo corpo, formado pela roupa, o operador esconde a mão, que movimenta por meio do dedo indicador a cabeça, e com o polegar e o médio, os braços.

FIGURINO: Conjunto de vestimentas e seus acessórios, usados pelos atores em cena.

FIGURINISTA: Aquele que cria, orienta e acompanha a feitura dos trajes para um espetáculo teatral. Deve possuir conhecimentos básicos de desenho, moda, estilo e costura.

FOSSO DE ORQUESTRA: Espaço que abriga conjuntos de músicos, não interferindo com o visual de público por estar no plano inferior ao nível do palco. Pode ser executado através de elevadores hidráulicos ou pisos removíveis (quartelada).

FORRO ACÚSTICO: Nos teatros, os forros da platéia geralmente devem possuir propriedades acústicas apropriadas para a difusão e reflexão do som com o uso da sala em espetáculos musicais e de voz falada. Sua geometria e materiais componentes devem ser cuidadosamente calculados e especificados.

FOYER: Em um edifício teatral, recinto adjacente à sala de espetáculos, para a reunião do público antes, depois ou nos intervalos do espetáculo.

FRESNEL: Projetor cujo poder de iluminar é aumentado por uma lente graduada.

FRISAS: Em um teatro italiano com forma de ferradura (como geralmente são os grandes teatros dos séculos XVIII e XIX), série de camarotes situados junto às paredes de contorno da sala, no nível da platéia.

FUGA: Espaço destinado à passagem dos atores para saídas e entradas de cena.

G

GALERIA: A parte mais alta do auditório, situado acima dos camarotes, com bancos contínuos para os espectadores. Como os camarotes, acompanha as paredes laterais e de fundo da sala de espetáculos.

GAMBIARRA: Sequência de luzes enfileiradas numa calha, suspensas acima do palco, no urdimento.

GELATINA: Folha de material transparente, geralmente de poliéster ou policarbonato, posicionada em frente aos refletores para colorir ou filtrar luzes. Encontram-se disponíveis no mercado gelatinas de inúmeras cores, em diversos tons. Fundamental quando se deseja utilizar cor para desenhar a cenografia.

GROTESCO: Cômico caricatural, de tipo bizarro, burlesco ou fantástico, por vezes absurdo ou irreal.

H

HAPPENING: Espetáculo que exige a participação ou prevê uma reação do público, e que procura provocar uma criação artística espontânea, eventualmente coletiva.

I

IDUMENTÁRIA: Refere-se ao figurino e aos objetos de cena como um todo. Falar apenas de figurino é referir-se às roupas dos personagens e seus complementos como leques, bengalas, asas etc. Falar de objetos, como uma bola, uma travessa com copos ou uma bicicleta já é algo mais amplo que diz respeito aos fatos do espetáculo. Então, para referir-se ao conjunto de roupas e coisas a serem usadas em cena nós usamos a palavra indumentária.

ILUMINAÇÃO: Possui três funções: iluminação dos personagens em ação, iluminação dos ambientes criados pela cenografia e efeitos luminosos em geral.

ILUMINADOR: Aquele que “faz a luz” para um espetáculo de teatro. Diferente do electricista. O iluminador cria efeitos de luz, próprios e necessários à atmosfera do espetáculo, determina as cores, intensidades, afinação e sequência de acendimento dos refletores, além de geralmente programar a mesa de controle. Muitas vezes, o iluminador trabalha próximo do cenógrafo.

IMPROVISACÃO DRAMÁTICA: Técnica do jogo dramático pela qual o ator interpreta alguma coisa imprevista, não prepara anteriormente, inventa no momento da ação.

IMPROVISACÃO ESPONTÂNEA: Técnica aplicada nas atividades de expressão dramática. Consiste na criação espontânea a partir de um fato, situação ou ação proposta.

INTERPRETAÇÃO: Jogo do ator em cena a partir do texto criado pelo dramaturgo. Há diversos métodos de interpretação, sendo os mais importantes os de Stanislávski, o de Grotowski e o de Brecht.

IODINE: Tipo de projetor de luz geral, de grande ângulo de abertura, sem lente. É muito usado para produzir a luz do horizonte, no fundo da cena, no ciclorama.

L

LABORATÓRIO DRAMÁTICO: Conjunto de práticas que o ator deve desencadear para aprimorar seu desempenho e aprofundar-se no entendimento de seu papel e do texto a ser encenado.

LAMBREQUIM: Peça de decoração que dá acabamento a parte superior da cortina. Trata-se de uma peça de tecido, franzida ou drapeada formando planeamento pendentes na parte alta da boca de cena.

LEITURA DE MESA: Reunião com o elenco para a primeira leitura do texto, cada ator com a sua fala lida com entonação normal, para o conhecimento do seu papel e de toda a peça.

LINÓLEO: Tapete de borracha especial colocado como forração do piso do palco, com função de proteção e/ou acabamento; também utilizado para amortecer o impacto dos movimentos, sendo muito utilizado em espetáculos de dança.

LUZ DE SERVIÇO: Luz que é usada quando se está montando um cenário ou trabalhando no palco fora do horário de espetáculo.

M

MAPA DE SOM: *(VER: DESENHO DE SOM)*

MAQUIAGEM: Feita nos atores para caracterizar os personagens.

MAQUIADOR: Aquele que faz o trabalho de caracterização dos personagens de um espetáculo teatral, segundo um texto e a concepção dada pelo diretor. Essa caracterização, facial na maioria das vezes, deve acompanhar a linha da indumentária e da cenografia. O maquiador deve manter contato com o diretor, o cenógrafo, figurinista e com os atores.

MARCAÇÃO: Movimentação dos atores em cena, em função do texto da peça teatral: entradas, saídas, posturas, etc.

MÁSCARA: Reprodução, estilizada ou não, do rosto humano ou animal, esculpido ou montada em argila, cortiça, isopor, massas diversas etc., guarnecida de texturas, cores e outros elementos, com que os atores cobrem o rosto ou parte dele na caracterização de seu personagem. Às vezes é usada como elemento de cena. É também a expressão fisionômica do ator, a qual reflete o estado emocional do personagem que ele interpreta. Distingue-se da maquiagem pelo fato de anular, com uma superfície rígida, a mobilidade expressiva do rosto. Na dramaturgia grega, tripla função: amplificação visual.

MESA DE LUZ: Mesa de operações da luz. É o ponto de chegada dos circuitos provenientes dos projetores, passando através dos dimmer's. Funcionam através de resistências elétricas e atualmente são computadorizadas, dispendo, portanto de memória e possibilitando a visualização dos diversos circuitos através dum monitor.

MONTA-CARGAS: Um tipo de elevador, grande e aberto, usado sempre em grandes teatros para transporte de cenários, geralmente do subsolo/fosso até o palco. Tipo de elevador usado na construção civil.

MULETA DE ATOR: Quando se usa um objeto de cena para se obter confiança ou “entrar no personagem”.

P

PALCO: Espaço visual para o público ou área de cena. Tablado ou estrado destinado às representações, em geral construído de madeira, e que pode ser fixo, giratório ou transportável, bem como tomar várias formas e localizações em função da platéia, que pode situar-se à frente dele ou circundá-lo por dois ou mais lados. O proscênio, em oposição à cena. O conjunto que inclui o espaço de representação, os bastidores e os camarins; caixa de cena.

PALCO ELISABETANO: Também chamado de Palco Isabelino, é aquele que tem o proscênio prolongado, com um segundo plano (muitas vezes coberto) onde existem algumas aberturas, tais como janelas. Apareceu na Inglaterra no período de Shakespeare, por isso também é chamado de Palco à Inglesa.

PALCO GIRATÓRIO: Aquele cujo madeiramento não é fixo, porém movido por mecanismos que permitem inúmeros e rápidos movimentos de cenários, e vários outros efeitos cênicos.

PALCO ITALIANO: Palco retangular, em forma de caixa aberta na parte anterior, situada ao fundo e em plano acima da platéia, provido de moldura (boca de cena), de bastidores laterais, de bambolinas e de cortinas ou pano de boca e, não raro, de um espaço a frente, destinado à orquestra (poço). É o mais conhecido e utilizado dos palcos modernos.

PANFLETAGEM: Termo julgado pejorativo por muitos, fala do teatro que prega um ideal, como posições políticas, filosóficas e religiosas. Uma peça autenticamente panfletária carece do ideal artístico e mais se assemelha a uma peça publicitária que intenta vender um produto.

PANO: Palavra impressa na última página do texto de cada ato, ou de toda a peça, para indicar o seu término.

PANO-DE-BOCA: O mesmo que cortina de boca, geralmente movimentado no sentido vertical. Está situado logo atrás da boca de cena.

PANO-DE-FUNDO: Sinônimo de rotunda. Às vezes pode ser um outro pano, à frente da rotunda do palco.

PASSADÃO: Tipo de ensaio que normalmente se dá quando uma produção está pronta. Consiste em que os atores passem rapidamente pelo espaço cênico na ordem de acontecimentos do espetáculo sem necessidade de texto, mas apenas para recapitular todo o desenvolvimento físico da peça.

PATROCÍNIO: É quando uma empresa ou pessoa paga toda ou parte das despesas de produção, como o cachê dos atores, conjunto plástico (figurino, maquiagem, iluminação, sonoplastia e cenografia), etc.

PERFORMANCE: Expressão artística de unidade variável que consiste em produzir determinados eventos por meio de gestos e ações sem contar qualquer história.

PERNA: Elemento que se caracteriza como limite lateral do palco. Tecido sem armação. O conjunto de pernas e bambolinas é parte da câmara negra.

PERSONAGEM: Papel interpretado pelo ator numa peça dramática. O ator não é o personagem, mas representa-a para o espectador, assumindo a personalidade, os traços psicológicos e morais da pessoa criada pela imaginação do dramaturgo. Cada um dos papéis que figuram numa peça teatral e que devem ser encarnados por um ator ou uma atriz; figura dramática.

PERSONAGEM PLANA: Personagem construída em torno de uma só idéia ou qualidade. Em geral, são definidas em poucas palavras.

PERSONAGEM REDONDA: Personagem que apresenta várias qualidades ou tendências e, por essa razão, é multiforme, complexa, eliminando qualquer possibilidade de simplificação.

PERSONAGEM-TIPO: Que representa um tipo padrão de comportamento; máscara.

PLATÉIA: Até o início desse século era, na grande maioria dos edifícios teatrais, o pavimento entre a orquestra ou o palco e os camarotes. Nos teatros de hoje, é a parte destinada a receber o público, que se acomoda em poltronas, cadeiras, bancos ou arquibancadas. Em tese, a reação da platéia será a soma das reações individuais dos espectadores.

PONTO: Uma pessoa escondida que sussurra o texto ao ator no evento de tê-lo esquecido.

PONTO CEGO: Lugar desprivilegiado na platéia em que não se vê parte do palco ou espaço cênico.

PRATICÁVEL: Estrutura, usualmente em madeira, com tampo firme, usada nas composições dos níveis dos cenários. É construído em diversas dimensões e formatos e é normalmente modulado para facilitar as composições.

PRESENÇA DE PALCO (OU PRESENÇA CÊNICA): Termo também usado para a performance de um músico ou cantor. Presença de palco é a força com que um ator marca os espectadores ao desenvolver seu trabalho em cena. A presença de palco de um

ator é medida somando sua potência de voz, entonação, expressão facial e física e até mesmo a força com que pisa e com que encara o público. Não existe uma fórmula para ser aumentar a presença de palco pois, embora possa ser reforçada com a especialização e a prática, às vezes constitui um dom natural.

PRODUTOR: Objetiva a organização, coordenação e realização de uma obra artística.

PROJETOR: Aparelho elétrico de iluminação dispendo de lentes e refletores destinados a projetar sobre a cena um foco de luz.

PROSCÊNIO: À frente do palco; ante cena. Prolongamento no mesmo nível do palco projetado até o público que se adapta a diversas formas e dimensões.

PROTAGONISTA: Personagem principal; aquela que ganha o primeiro plano na narrativa.

Q

QUADRO: Divisão de um texto dramático ou cênico, fundado sobre uma mudança do espaço ou do espaço-tempo. O mesmo que cena ou ao ato.

QUARTA PAREDE: Parede imaginária que separa a cena da sala. Um palco italiano possui três "paredes": O fundo (rotunda), e as laterais (que podem ser coxias, pernas ou apenas uma parede mesmo). O termo "quarta parede" é utilizado para definir a parede não existente nesse tipo de palco. Ou seja, a frente dele. Não tem parede entre a frente do palco e a platéia, portanto é uma parede imaginária, um limite. Esse termo é usado em espetáculos teatrais em que não há interação do elenco com o público. Como se tivesse uma quarta parede que os separasse.

QUARTELADA: Tampos de madeira que compõem o piso do palco.

QUEIJO: Denominação usada em teatro e televisão, dada a um praticável de forma circular.

R

REFLETORES: Equipamentos para iluminação cênica, montados em varas, tripés ou posicionados no chão. Existem diversos tipos de refletores. Cada um serve a um propósito específico e apresenta características diferenciadas de fecho, intensidade, definição de borda e alcance. Exemplos: PC, Fresnel, Elipsoidal, Par etc.

RÉPLICA: Resposta a um discurso; texto dito por um personagem no decurso de um diálogo.

RIBALTA: Luzes na parte dianteira do palco, em geral entre o pano de boca e o lugar da orquestra, que serviam para iluminar a cena e eram ocultadas do público por um anteparo horizontal. O proscênio.

RITMO DO JOGO CÊNICO: É o ritmo que se desenvolve todo o espetáculo segundo um tempo fixado por sua encenação. Esse tempo determina a velocidade da dicção, a relação entre texto e gesto, a rapidez das mudanças, das transições entre os jogos cênicos, do espaço entre as cenas ou quadros. O ritmo da ação, sua progressão contínua ou em partes fornecem o quadro rítmico geral do espetáculo.

ROMPIMENTO: O elemento delimitador da cena, composto de dois reguladores, ou duas pernas que se ligam no alto a uma bambolina, com ela formando um arco.

ROTUNDA: Pano de fundo, em flanela ou feltro, disposto em semicírculo no palco. Grande tela que é montada sempre à frente do ciclorama.

S

SOLILÓQUIO: Também conhecido como *à parte*. Fala de um personagem que diz algo para si mesmo, como um pensamento em voz alta que supostamente será ouvido apenas pelo público.

SONOPLASTA: Explora as possibilidades expressivas do som, fornecendo uma realidade física, real ou imaginária, um mundo lógico e coerente, recriando cenários, objetos ou personagens.

SONOPLASTIA: Conjunto de sons vocais ou instrumentais criados para sublinhar ações de uma cena.

A música tem função semelhante à iluminação: enfatiza cenas, empresta-lhes maior ou menor conteúdo dramático, sublinha os sentimentos expressos pelos atores.

SUBTEXTO: Aquilo que não se diz explicitamente no texto dramático, mas que ressalta da interpretação do ator.

T

TABLADO: Espécie de palco improvisado a partir de uma estrutura de apoio, com tábuas criando o piso. Muitas vezes são utilizadas também chapas de madeira compensada.

TANGÃO: Sequência de luzes colocadas numa calha retangular, estreita, colocada na posição vertical das laterais do palco, no espaço formado entre dois rompimentos. Projeta luz difusa.

TAPADEIRA: Em cenografia, espécie de bastidor revestido de madeira compensada. Usado para diversas composições cenográficas.

TEXTO TEATRAL: É um texto comum, com personagens e conflitos, escrito de forma a ser representado num palco.

TIPO: Personagem plana construída em torno de uma qualidade ou idéia, cuja peculiaridade alcança seu auge sem causar deformação.

TITERITEIRO: Aquele que movimenta o fantoche ou a marionete.

U

UNIDADE DE AÇÃO: Caráter de uma peça do qual a matéria narrativa se organiza a volta de uma fábula principal na qual as intrigas anexas são logicamente ligadas.

UNIDADE DE LUGAR: Caráter de uma peça segundo a qual se organiza a volta de um espaço.

UNIDADE DE TEMPO: Caráter de uma peça cuja ação se organiza no mesmo tempo de ação.

URDIMENTO: Armação de madeira ou ferro, construída ao longo do teto do palco, para permitir o funcionamento de máquinas e dispositivos cênicos. Na realidade, é o esqueleto do palco; a 'alma' da caixa de mágicas em que ele às vezes se converte. Tem como limite superior, a grelha com a soffita e como limite inferior, a linha das bambolinas, varas de luzes e a parte superior da cenografia.

V

VARA DE CENÁRIO OU DE LUZ: Barra de metal ou madeira, utilizada para se dependurar elementos cenográficos, equipamentos de luz e vestimentas de palco.

VEROSIMILHANÇA: Caráter pela qual as ações, os personagens e os lugares representados são percebidos pelo público com uma imitação da realidade e não como uma realidade verdadeira ou sobrenatural.

www.desvendandoteatro.com